

**PERDÃO,  
LEONARD  
PEACOCK**



PERDÃO,

LEONARD  
PEACOCK

MATTHEW  
QUICK

intrínseca

Copyright © 2013 by Matthew Quick

Todos os direitos reservados.

**TÍTULO ORIGINAL**

Forgive Me, Leonard Peacock

**PREPARAÇÃO**

Natalia Klussmann

**REVISÃO**

Suelen Lopes

**ADAPTAÇÃO DE CAPA**

ô de casa

**DIAGRAMAÇÃO**

Filigrana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SÍNDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q57p

Quick, Matthew, 1973-  
Perdão, Leonard Peacock / Matthew Quick ; tradução Alexandre  
Raposo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.  
224 p. ; 23 cm.

Tradução de: Forgive me, Leonard Peacock  
ISBN 978-85-8057-395-4

1. Ficção americana. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

13-02427

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 Gávea  
Rio de Janeiro - RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para os faroleiros — passado, presente e futuro*



Eu te peço, tira teus dedos da minha garganta;  
Pois embora eu não seja raivoso ou violento,  
Tenho em mim alguma coisa perigosa,  
Que tua sabedoria fará bem em respeitar.

Tire as tuas mãos!

— *Hamlet*, Shakespeare



# UM

É engraçado ver a pistola nazista P-38 da Segunda Guerra Mundial sobre a mesa de café da manhã junto a uma tigela de mingau de aveia. É como um estranho anacronismo de utensílios *steampunk*. Mas, se você observar bem de perto, pouco acima da coronha, verá estampada a pequena suástica com a águia pousada no topo, o que é real pra caramba.

Tiro uma foto do meu lugar à mesa com o iPhone, pensando que pode ser tanto um testemunho quanto arte moderna. Então eu rio pra cacete olhando a imagem na minitela, porque arte moderna é uma tremenda babaquice.

Quer dizer, uma tigela de mingau de aveia com uma P-38 ao lado, como se fosse uma colher — esse arranjo, fotografado, pode ser arte moderna, certo?

Babaquice.

Mas também é engraçado.

Já vi coisas piores expostas em museus de arte de verdade, como uma tela toda branca atravessada por uma única listra vermelha e fina.

Certa vez contei a Herr Silverman<sup>1</sup> sobre a pintura com a listra vermelha, dizendo que eu mesmo poderia ter feito aquilo, e ele respondeu com uma voz superconfiante: “Mas não fez.”

---

<sup>1</sup> Herr Silverman está dando aulas sobre o Holocausto, mas originalmente, ele é o professor de alemão do meu colégio, motivo pelo qual o chamamos de Herr, e não de Senhor.

Devo admitir que foi uma resposta legal e engenhosa, porque era verdade.

Fez com que eu calasse a boca.

Então, aqui estou eu, fazendo arte moderna antes de morrer.

Talvez pendurem o meu iPhone no Museu de Arte da Filadélfia com a foto da tigela de mingau de aveia e a pistola nazista expostas.

Podem chamar de *Desjejum Para um Assassinato Adolescente* ou algo tão ridículo e chocante quanto isso.

O mundo das artes e das notícias vai adorar, aposto.

Tornarão a minha obra de arte moderna instantaneamente famosa.

Especialmente depois que eu matar Asher Beal e me suicidar.<sup>2</sup>

O valor das obras de arte sempre sobe quando o artista é associado a coisas ruins, do tipo cortar a própria orelha, como Van Gogh, ou se casar com a prima adolescente, como Poe, ou fazer seus seguidores matarem uma celebridade, como Manson, ou mandar atirarem as suas cinzas pós-suicídio de um imenso canhão, como Hunter S. Thompson, ou ser vestido de menina pela mãe, como Hemingway, ou usar um vestido feito de carne crua, como Lady Gaga, ou sofrer coisas inomináveis ao ponto de matar um colega de classe e meter uma bala na própria cabeça, como farei hoje, mais tarde.

---

<sup>2</sup> Li em [Livestrong.com](http://Livestrong.com) que “a cada 100 minutos um adolescente cometerá suicídio”. Não acredito de jeito nenhum que isso seja verdade. Por que nunca ouvimos falar desses suicídios no noticiário? Será que todos ocorrem em segredo ou em outros países? O suicídio não pode ser assim tão comum, certo? E se for... aqui estou eu imaginando estar sendo ousado e precursor em meus planos. Rá! Seguem mais provas contrárias à minha originalidade: de acordo com a Wikipédia — que certamente não é a fonte mais confiável e, neste caso, está totalmente desatualizada —, “Nos EUA, as armas de fogo ainda são o método mais comum de suicídio, respondendo por 53,7 por cento de todos os suicídios cometidos em 2003”. Lá também diz: “Mais de um milhão de pessoas se suicidam todos os anos.” Logo, de acordo com a Wikipédia, toda vez que nosso planeta dá uma volta em torno do Sol o suicídio dá fim a um milhão de desgraçados. Imagino o que Charles Darwin diria sobre esse pequeno e divertido detalhe. Seleção natural? Um modo de a natureza proteger o mais forte e o mais necessário? Será que minha mente é apenas um agente da natureza? Estarei a ponto de orgulhar o Tio Charlie Darwin?

Meu homicídio-suicídio tornará *Desjejum Para um Assassinato Adolescente*<sup>3</sup> uma obra de arte de preço inestimável porque as pessoas querem que os artistas sejam completamente diferentes delas. Se você é tedioso, legal e normal — como eu costumava ser —, certamente não vai se sair bem nas aulas de arte do colégio e será um artista medíocre na vida.

Inútil para as massas.

Esquecido.

Todo mundo sabe disso.

*Todo mundo.*

Daí que a chave é fazer algo que o destaque para sempre na memória das pessoas comuns.

Algo que importe.

---

<sup>3</sup> *Desjejum Para um Assassinato Adolescente* é uma frase de duplo sentido, uma vez que sou um assassino que é adolescente e — já que meu alvo é um adolescente, a quem devo matar — também sou um assassino de adolescentes!

# DOIS

Embrulho meus presentes de aniversário no papel cor-de-rosa que encontrei no armário do corredor.

Não planejava embrulhar os presentes, mas achei que talvez devesse tentar tornar o dia mais oficial, mais festivo.

Não tenho medo de que as pessoas pensem que sou gay, porque, a essa altura, realmente não me importo com o que pensam, de modo que não ligo para o papel cor-de-rosa, embora eu tivesse preferido uma cor diferente. Talvez preto fosse mais apropriado, em vista do que está prestes a acontecer.

Embrulhar estes presentes realmente faz eu me sentir bem, como um garotinho na manhã de Natal.

De algum modo, fazer isso me parece *certo*.

Verifico a trava e ponho a P-38 carregada em uma velha caixa de charutos que guardo como lembrança do meu pai, porque ele gostava de fumar cubanos ilegais. Forro a caixa com algumas meias velhas, para evitar que meu “ferro” fique chacoalhando ali dentro e acabe disparando uma bala na minha bunda. Depois, também embrulho a caixa em papel cor-de-rosa, de modo que ninguém suspeite que estou com uma arma na escola.

Mesmo que hoje — seja lá por qual motivo — o diretor decida revistar as mochilas aleatoriamente, posso dizer que é um presente para um amigo.

O embrulho cor-de-rosa os enganará, camuflará o perigo, e só um verdadeiro idiota me obrigaria a abrir um presente perfeitamente embrulhado.

Ninguém nunca revistou minha mochila na escola, mas não quero arriscar.

Talvez a P-38 seja um presente para mim quando eu a desembulhar e atirar em Asher Beal.

Talvez seja o único presente que eu vá ganhar hoje.

Além da P-38, há outros quatro embrulhos, um para cada um dos meus amigos.

Quero me despedir deles adequadamente.

Quero dar para cada um algo que os faça se lembrar de mim. Para que saibam que eu realmente me preocupo com eles e que lamento não ter sido mais do que fui — não poder ter continuado por perto —, e que o que acontecerá hoje não é culpa deles.

Não quero que deem muita importância ao que estou prestes a fazer, nem que se sintam deprimidos depois.

# TRÊS

Meu professor da aula de Holocausto, Herr Silverman, nunca arregaça as mangas da camisa como fazem os outros professores do colégio, que chegam todas as manhãs vestidos nas suas camisas recém-passadas com mangas enroladas até o cotovelo. Herr Silverman também não usa a camisa polo opcional às sextas-feiras. Mesmo nos meses mais quentes do ano ele mantém os braços cobertos, e eu me pergunto por que há muito tempo.

Penso nisso constantemente.

Talvez seja o maior mistério da minha vida.

Talvez ele tenha braços muito cabeludos, pensei várias vezes. Ou tatuagens de cadeia. Ou uma marca de nascença. Ou tenha queimaduras muito graves. Ou talvez alguém tenha derramado ácido nele durante alguma experiência de ciências na escola. Ou, então, ele era viciado em heroína e seus braços estão cobertos por um zilhão de cicatrizes de agulhas. Talvez ele tenha algum problema circulatório que o faça sentir frio permanentemente.

Mas suspeito que a verdade seja mais séria do que isso — tipo, talvez ele tenha tentado se suicidar certa vez e haja cicatrizes de gilete nos pulsos.

Talvez.

Para mim é difícil crer que Herr Silverman tenha tentado se suicidar, porque ele é uma pessoa muito centrada hoje em dia; é realmente o adulto mais admirável que conheço.

Às vezes, chego a desejar que em algum momento ele tenha se sentido vazio, sem esperança e desamparado o bastante para cortar os pulsos até

os ossos, porque, se ele sentiu essas coisas horríveis e sobreviveu para se tornar um adulto tão fantástico, então talvez haja esperança para mim.<sup>4</sup>

Sempre que tenho um tempo livre, pergunto-me o que Herr Silverman pode estar escondendo, e tento resolver o mistério em minha mente, criando todo tipo de cenários que induzam ao suicídio, inventando o passado dele.

Às vezes, penso que seus pais o espancavam com cabides e o deixavam com fome.

Outros dias penso que seus colegas de escola o jogavam no chão e o chutavam até ele ficar coberto de sangue, momento em que se revezavam urinando em sua cabeça.

Às vezes, ele sofre com um amor não correspondido e chora sozinho no armário todas as noites, agarrando um travessão contra o peito.

Outras vezes, ele foi sequestrado por um sádico psicopata que o torturava todas as noites — estilo baía de Guantánamo — e o impedia de beber

---

<sup>4</sup> Procurei no Google: “Quanto tempo alguém demora para morrer quando corta os pulsos?” Muita gente faz esta pergunta na Internet e a maioria diz estar pesquisando o tópico para as aulas de saúde na escola. A maioria das respostas postadas acusa quem pergunta de ser um mentiroso e o aconselha (a aconselha?) a procurar ajuda profissional. Há respostas diretas de pessoas que alegam serem médicos e outras de gente que realmente cortou os pulsos com gilete e sobreviveu. Todos dizem que é um modo muito doloroso de morrer (ou não morrer), que não é tranquilo, que nada tem a ver com “se deitar em uma banheira de água quente e adormecer”, como os filmes fazem você acreditar. O sangue pode coagular, o que mantém você vivo e com dores terríveis. Mas então eu encontrei postagens sobre como cortar os pulsos do “jeito certo”, de modo que você morra mesmo, e isso me deprimiu, porque as pessoas de fato postam coisas assim e, embora eu achasse que queria saber a resposta para poder avaliar as minhas opções, tal informação talvez não devesse estar na Internet. Não contarei o jeito certo de cortar os pulsos nem vou explicar como se faz, porque não quero mais sangue em minhas mãos. Mas, falando sério, *por que* algumas pessoas postam na Internet o jeito correto de cometer suicídio? Será que querem que gente estranha e triste como eu se vá para sempre? Será que acham que é uma boa ideia algumas pessoas darem fim a si mesmas? Como saber se você é uma dessas pessoas que deve cortar os pulsos do modo certo com uma gilete? Há uma resposta para isso também? Procurei no Google, mas não encontrei nada de concreto. Apenas maneiras de completar a missão. Nenhuma justificativa.

água durante o dia, quando era forçado a ficar sentado em uma sala como a de *Laranja Mecânica*, repleta de luzes estroboscópicas, sinfonias de Beethoven e imagens terríveis projetadas em uma tela enorme.

Não creio que mais alguém tenha percebido os antebraços constantemente cobertos de Herr Silverman, ou, se alguém percebeu, não fez qualquer menção a isso durante as aulas. E não ouvi nenhum boato nos corredores.

Eu me pergunto se realmente sou o único a ter notado, e, nesse caso, o que isso diz a meu respeito?

Isso me torna uma pessoa estranha?

(Ou mais estranha do que já sou?)

Ou apenas observadora?

Diversas vezes pensei em perguntar a Herr Silverman por que ele nunca dobra as mangas da camisa, mas, por algum motivo, nunca fiz isso.<sup>5</sup>

Em alguns dias, ele me encoraja a escrever; em outros, diz que tenho um “dom” e depois sorri como se estivesse sendo sincero, e eu chego perto de perguntar sobre seus braços sempre cobertos, mas nunca pergunto, e isso me parece estranho, absolutamente ridículo, considerando o quanto desejo saber e o quanto tal resposta poderia me salvar.

É como se a resposta dele fosse sagrada, capaz de alterar a minha vida ou alguma outra coisa, e eu a estivesse guardando para mais tarde, como um antibiótico emocional, um barco salva-vidas da depressão.

Às vezes eu realmente acredito nisso.

Mas por quê?

Talvez meu cérebro esteja mesmo ferrado.

Ou talvez eu tenha pavor de estar errado a respeito dele e esteja apenas inventando coisas — não há nada sob aquelas mangas afinal, ele apenas gosta dos braços cobertos.

É uma questão de moda.

---

<sup>5</sup> Algumas vezes, quando fico depois da aula para conversar com Herr Silverman sobre a vida — enquanto ele tenta imprimir um aspecto positivo em seja lá qual for o assunto deprimente eu tenha levantado —, imagino ter visão de raios X e olho para seus braços cobertos, tentando desvendar o mistério, mas nunca funciona porque, infelizmente, eu não tenho visão de raios X.

Ele se parece mais com Linda<sup>6</sup> do que eu.

Fim de papo.

Tenho medo que Herr Silverman ria de mim quando eu perguntar sobre seus braços cobertos.

Ele fará eu me sentir um idiota por ter pensado nisso — com esperança — todo esse tempo.

Medo que ele me chame de anormal.

Que ele ache que sou um pervertido por pensar tanto nisso.

Que ele fique de cara feia, contrariada, que faça com que eu me sinta como se nunca pudéssemos ser parecidos, e que, portanto, estou delirando.

Acho que isso me mataria.

Acabaria comigo para valer.

Certamente acabaria.

Daí eu me pergunto se o fato de não perguntar não seria simplesmente produto da minha covardia ilimitada.

Enquanto estou ali, sentado à mesa do café da manhã me perguntando se Linda se lembrará do significado do dia de hoje — e, no fundo, sabendo que ela simplesmente não vai telefonar —, decido, em vez disso, imaginar se o oficial nazista que era dono da minha P-38 na Segunda Guerra Mundial alguma vez sonhou que sua pistola acabaria como uma peça de arte moderna do outro lado do Oceano Atlântico, em Nova Jersey, uns setenta anos depois, carregada e pronta para matar o que mais se aproxima de um equivalente moderno de um nazista que temos em minha escola.

O alemão que originalmente possuía a P-38 — qual seria seu nome?

---

<sup>6</sup> Linda é minha mãe. Eu a chamo de Linda porque isso a aborrece. Diz que chamá-la pelo nome a “descaracteriza como mãe”. Mas ela se descaracterizou como mãe quando alugou um apartamento em Manhattan e me deixou completamente sozinho em South Jersey para me virar por conta própria na maior parte da semana e, cada vez mais, nos fins de semana. Ela diz que precisa estar em Nova York por causa da carreira de estilista, mas estou certo de que é para poder transar com o namorado francês, Jean-Luc, e ficar longe do filho perturbado. Ela saiu da minha vida logo depois que começou aquela merda com Asher, talvez porque fosse algo intenso demais para ela. Eu não sei.

Seria um dos bons alemães de que nos fala Herr Silverman? Aqueles que não odiavam judeus, nem gays, nem negros, nem ninguém e que apenas tiveram o azar de nascer na Alemanha durante aquela época horrível? Será que ele se parecia comigo?